



# Relato de Campo

## 39º Encontro Entre

### Amigos Preto X Branco

**Data:** 18/12/11

**Pesquisadores:** Diógenes Henrique de Castro, Nahema N. Falleiros e Paulo Nascimento

**Redator:** Paulo Nascimento

**Revisora:** Nahema N. Falleiros, Vivian Brito e Paulo Nascimento

## Resumo

O Encontro Preto X Branco é realizado ininterruptamente desde 1972, no bairro de São João Clímaco, localizado na zona sul da cidade de São Paulo. Sua 39ª edição aconteceu nas dependências do CDC Parque Fongaro e, pela primeira vez, o jogo foi disputado em um campo de grama sintético.

A visita da equipe do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) ao espaço foi feita no dia 18 de dezembro de 2011, um domingo; ao longo dos últimos anos, as disputas vêm acontecendo sempre aos domingos, 1 ou 2 domingos antes do Natal. Na ocasião, vários dos moradores envolvidos com a realização do Encontro foram entrevistados ou estiveram presente em conversas informais, nas quais ao menos 1 dos 3 pesquisadores estava presente. A partir destes diálogos foi possível descobrir a singularidade desse evento, que aborda as tensões étnico-raciais presentes na comunidade e na sociedade.

Os primeiros contatos diretos do Museu do Futebol o Encontro Preto X Branco se deu quando o rapper Rappin' Hood foi convidado para compor uma mesa em palestra promovida no auditório do Museu. O convite não só foi aceito, como Rappin' Hood veio acompanhado de um morador de São João Clímaco envolvido com a realização do Encontro para também participar desse evento. Nesta ocasião, os contatos de todos foram trocados e, próximo à realização do Encontro Preto X Branco de 2011, foi feito um convite ao Núcleo de Eventos do Museu do Futebol para cobrir aquela edição, convite este repassado ao CRFB.

## Relato

Fruto de um jogo de futebol entre solteiros e casados – quando estes eram moradores do bairro de São João Clímaco –, o Encontro Preto X Branco teve origem na ação de um dos habitantes da região que percebeu aí um campo propício para abordar as tensões étnico-raciais presentes na comunidade.

Como a quantidade de homens casados era cada vez maior e as provocações entre brancos e negros eram recorrentes no bairro, um dos moradores sugeriu que o jogo de futebol de fim de ano tivesse então como critério para a separação dos times a identidade étnico-racial. O sucesso da iniciativa foi tal que, em 2011, o evento celebrou, como já citado, trinta e nove anos de Encontros ininterruptos.

O contato da equipe do CRFB com essa edição do evento começou por telefone, com Cláudio Valeriano, mais conhecido por Mô, componente da velha-guarda da comunidade que integra o Encontro. Tal comunidade foi formada no entorno do campo, onde hoje se realizam os jogos da competição.

A ida dos pesquisadores para este campo começou na estação de metrô Sacomã, local onde foi tomada a lotação, cujo destino era a Vila Arapuá. O trajeto foi feito sem grandes voltas e durou cerca de vinte minutos, a maior parte deles ao longo da Estrada das Lágrimas. A arquitetura dos imóveis situados na avenida era comum a muitos bairros da periferia de São Paulo: casas cuja área construída ocupa o máximo da largura e do comprimento desses terrenos. Não raro, uma mesma parede era compartilhada por imóveis vizinhos, que são tanto comerciais (casas do norte, lojas com produtos de informática, lojas que alugam trajes a rigor para casamento), quanto residenciais. Diversos deles eram constituídos por até 3 pavimentos, alguns com varandas ou sacadas, de modo que a laje do último andar aparecia ali como um lounge.

A relação desse cenário com o futebol praticado naquele local é que, até os anos 1970, todos esses imóveis eram inexistentes. O que havia eram vários campos de futebol. Os pesquisadores foram informados sobre isso momentos depois, já no CDC Parque Fongaro. Os números variam a depender de quem conta a história: em que pese uma possível margem de erro, é possível que cerca de vinte campos de futebol de várzea compusessem o que é hoje a Estrada das Lágrimas e os imóveis de seu entorno.

Quando a equipe do CRFB desceu da lotação no ponto de ônibus mais próximo ao campo, notou que as casas das ruas pelas quais passava sinalizavam a presença de um modo de vida próprio à classe média paulistana, em um bairro residencial localizado na periferia da cidade. Foi possível notar também, durante o trajeto para o campo, a Biblioteca Pública Municipal Castro Alves e uma praça pública com aparelhos de ginástica para a terceira idade. Feito este caminho, eis que os pesquisadores chegaram ao estacionamento do local de destino, de frente a uma das entradas do CDC Parque Fongaro.

No domingo, às 7h, o sol já era forte e ficava mais intenso com o passar das horas. Os jogos ocorreram em ordem decrescente de idade (provavelmente para poupar os mais velhos da exposição ao sol). Assim, o Encontro Preto X Branco começou com o jogo da Turma do Paradoxo, com jogadores cuja idade média era de setenta anos. Em seguida, veio a disputa dos Veteranos, com jogadores em torno dos cinquenta anos. Logo após, foi realizada a partida do chamado Segundo Escalão, formado por homens que estavam na casa dos trinta anos. Para encerrar o evento, foi a vez da Elite, composta por jovens maiores de dezoito anos – que naquela comunidade são reconhecidos como os mais velozes e habilidosos – o que fez dessa partida a mais disputada e aguardada do dia.

Enquanto o jogo da Turma do Paradoxo se desenrolava, os pesquisadores foram apresentados à rede de pessoas que fazem o Preto X Branco acontecer: Wilson, Cavalo, Téia, entre outros. Quando a equipe foi apresentada à Douglinhas, teve a oportunidade de realizar a primeira conversa mais longa com alguém da comunidade envolvida com aquele evento.

Foi Douglinhas quem contou sobre os campos de futebol que, décadas atrás, ladeavam a Estrada das Lágrimas – em sua lembrança, eram vinte e dois campos. Ele também relatou que Mosca e o volante Magrão, ambos com passagens pelo Corinthians, deram seus primeiros toques na bola ali naqueles campos, informação essa também repetida por várias vezes ao longo do domingo. Douglinhas ainda disse uma frase que, de tão repetida, por vezes soou como um mantra: aquele encontro era promovido sobretudo com o intuito de promover a união e a confraternização entre os moradores do bairro de São João Clímaco.

Na conversa com Douglinhas os pesquisadores do CRFB foram informados que, antes do gramado sintético, o campo era um terraço, onde

era necessário um restelo para planar o espaço, de forma que depois se passasse cal para demarcar as linhas do campo. O ano de 2011 foi marcado pela estreia do gramado sintético no campo e nos jogos do Encontro Preto X Branco. Tal qual na epopeia “Os Lusíadas”, talvez o restelo tenha se tornado para aqueles moradores um símbolo de uma realidade passada, árdua, dos terrões do futebol, melhorada pelo advento do gramado sintético.

A presença do gramado sintético não é privilégio desse campo. Trata-se de uma intervenção da qual, de acordo com o que foi informado por várias pessoas presentes nesse local, o vereador Dalton Silvano, do Partido Verde (PV), teve grande influência. Silvano é figura onipresente nos campos de futebol de várzea paulistanos. Exemplo disso é que no dia em que foi visto em São João Clímaco, outro grupo de pesquisadores do CRFB, no mesmo dia, o encontrou na final da Copa Negritude, realizada no bairro Artur Alvim, na zona leste da cidade. São João Clímaco e Artur Alvim estão separados por pelos menos 24 quilômetros.

Os participantes do Preto X Branco comentaram com os pesquisadores sobre uma suposta briga entre um jogador do time dos Brancos e outro dos Pretos em uma das edições do Encontro, registrada em vídeo por um programa de televisão ou por um documentarista (o dado variou conforme quem contou a história). No entanto, a briga não passou de encenação para cinegrafista ver. Histórias de situações cômicas como esta são contadas aos montes por aqueles que vão ao encontro há anos.

De fato, o tom de chiste nos diálogos entre os presentes do Encontro era notório. No intervalo do jogo da Turma do Paradão, os pesquisadores tiveram a oportunidade de conversar por breves minutos com Wilson, mais conhecido como Pneu, que justificou a vitória, até o primeiro tempo, porque “o goleiro dos brancos era mulato”. Os brancos, por sua vez, respondiam a provocação alegando que a derrota se dava em razão dos brancos estarem muito mais velhos que os pretos, e que havia alguns “gatos” no time dos Pretos. Neste caso, jogadores muito mais jovens que os septuagenários que grassavam no time dos Brancos. Ao frango do septuagenário goleiro do time dos Brancos, alguns torcedores indignados se perguntavam o porquê dele não ter levantado os braços, algo aparentemente simples de ser executado com precisão. A resposta foi dada por um dos que acompanhavam o jogo: “ah, mas se ele levanta os braços ali, Deus puxa ele pro céu”. Este foi um dos

inúmeros momentos em que um senso de humor horizontal serviu de lastro para que o diálogo se estabelecesse.

Afixadas na grade de uma das laterais que cercava o campo, estavam 9 placas publicitárias. Duas padarias, Fernando Garcia Pães e Santa Catarina, garantiram sua publicidade por providenciarem, a cada mês, um total de trezentos pães para os alunos das escolinhas do CDC Parque Fongaro, cuja sede também é ali. Outra placa era das Lojas Marabraz, empresa que, segundo Xuxú (dono do bar e técnico de algumas das equipes dos pretos), patrocina campeonatos de futebol entre equipes de CDCs da zona sul. Portanto, a presença desta publicidade se dava em razão do fomento feito pela empresa a esses campeonatos de futebol para jovens. As outras placas permaneciam ali ao custo de R\$ 80,00 mensais, cobrados para a divulgação de lojas de comércio, alimentação, contabilidade e prestadoras de serviço da região, como Roger's Persianas, Alameda Bueno Seguros, JFC Empilhadeiras, King Colchões e Cia, Royal Contábil e Restaurante Vida Loka.

O primeiro jogo do dia, da Turma do Paradoxo, foi vencido pelos Pretos por 7 a 2. O jogo dos veteranos também foi vencido pelos Pretos: 4 a 1. Enquanto esse segundo jogo acontecia foi possível ouvir o seguinte comentário vindo das arquibancadas, sobre o time dos Pretos: “vai todo mundo trabalhar na CET: só tem marronzinho!”.

Antes do início do terceiro jogo, um dos pesquisadores teve acesso ao vestiário dos Brancos, mais distante do campo que o dos Pretos. Foi Santana o indicado para que esse acesso fosse negociado. Feitas as devidas apresentações, a equipe do CRFB perguntou ao mesmo se era possível acompanhar a preleção para o terceiro jogo do dia, ao que Santana explicou que já tinha ocorrido. Contudo, a preleção do jogo da Elite ocorreria no meio do segundo tempo do jogo do Segundo Escalão, e os pesquisadores poderiam acompanhá-la. Durante a espera, foi possível conhecer alguns moradores da comunidade que tinham ido participar do evento. Foi o caso de Seu Osmário e de Seu Francisco que, dentre outras histórias, relataram o caso de Sueli, jogadora que atuava ali pelos campos de São João Clímaco assim que Seu Francisco chegou ao bairro, vindo de Juazeiro do Norte. Ele não vacilou em contar sobre seu assombro ao ver uma mulher jogando tão bem, com uma habilidade tal que deixaria Marta, a premiada jogadora da seleção brasileira, para trás “fácil, fácil”, em suas palavras dele.

Enquanto isso, as disputas prosseguiram. A velocidade do futebol jogado de um jogo para outro aumentava, assim como a quantidade de pessoas no evento e a empolgação da torcida pela partida. Foi possível perceber, durante a conversa com Seu Francisco, que a maioria dos moradores do bairro viviam ali há muito tempo. Não raro nasceram no local, bem como seus pais e avós. Nesse momento, uma reportagem para televisão era gravada, enquanto alguém da torcida, misturado entre Pretos e Brancos, gritou: “filma nós, não filma os pretos não”! Foi também nesse instante que um dos pesquisadores teve tempo para passar rapidamente no vestiário dos Pretos, que haviam vencido duas partidas até então.

No vestiário dos Pretos, o estímulo de Xuxú, dono do bar e responsável pela escalação, foi feito com a seguinte frase: “vamos fazer barba, cabelo e bigode”. Na saída desse vestiário, mais uma provocação foi ouvida, proferida por um dos pretos imerso entre os brancos – pretos, quase brancos e quase pretos que comungavam ali do mesmo espaço e do mesmo referencial: “vamos deixar eles ganharem ao menos um jogo, senão eles não voltam ano que vem”. Esse e outros diálogos podiam ser ouvidos com o som de um samba-rock ao fundo que começava a tomar conta do ambiente.

Enquanto o jogo do segundo escalão se desenrolava, os pesquisadores tiveram a oportunidade de conversar com Marcelo, presidente da equipe Flor do Clímaco – criada depois de um outro time que também compartilha a administração daquele CDC, o Vila Arapuá, fundado em 1954. Corretor de seguros, Marcelo reside e trabalha ali no bairro. Dedicou alguns minutos de sua fala para defender aquele local como imprescindível ao lazer dos habitantes da região. Recordou-se que, em sua infância, aquele espaço era tido pelos próprios moradores como um lugar perigoso, cheio de vagabundos, enquanto hoje é reconhecido pelos mesmos como um ambiente familiar. O futebol, no entender de Marcelo, é uma maneira de promover laços de solidariedade na população, além de prevenir o uso de drogas, incentivar a educação e cultivar o respeito entre semelhantes e diferentes. Iniciativas como o futebol promovido ali são valiosas porque, também de acordo com Marcelo, não são raros os que moram no bairro e vivem em um ambiente familiar hostil.

O terceiro jogo do dia foi vencido pelos Brancos, por 3 a 1. Nesse momento, um dos pesquisadores do CRFB entrou no vestiário dos Brancos para, como combinado minutos antes, acompanhar o preparo dos brancos



antes do jogo. A condição de forasteiro de um dos pesquisadores foi logo trazida para o contexto do jogo: “Tem espião dos negão na área”. O pesquisador disse ser um aliado e que estava ali em missão de paz, mas isso pouco mudou a impressão que todos demonstravam ter de sua presença. Os olhares dos que estavam ali sinalizavam um misto de desconfiança e curiosidade.

Na preleção do jogo da Elite, feita no vestiário dos Brancos, um dos jogadores assumiu a fala. Não era o capitão, mas sua posição de liderança era indubitável – foi ele inclusive quem convocou o capitão para o discurso que lhe era devido. Tudo o que esse jogador fez foi respeitado pelos demais que ali estavam. Um dos trechos do discurso desse líder relembrou a todos o fato de que apenas tr jogadores, que tinham acabado de vencer o último jogo, estariam fora da partida principal. E mais, que a trinca de substitutos por si, “se bobear”, eram melhores que “os caras” (os Pretos) juntos. O líder do time prosseguiu seu discurso e disse saber que “teve nêgo armando presepada”, mas que ele conhecia todos os que estavam ali e que não restava dúvidas: os Brancos venceriam. O pesquisador que registrou aquela cena, passou a comungar da crença dos demais e igualmente crer naquele líder; principalmente em razão das notórias autoconfiança e verdade no olhar. Outro jogador do time dos Brancos, depois disso, tomou a palavra. Sua recomendação para os que jogariam dali a alguns instantes foi de que deveriam jogar “enfando a pica nos caras sem dó”, o que inflamou o time. Depois disso rezaram a plenos pulmões um Pai Nosso e uma Ave Maria, tal qual acontece em jogos de times profissionais, para logo em seguida, com o mesmo fôlego, entoarem seu grito de guerra: “1, 2, 3: vâmo Flor!”.

O jogo da Elite começou com um ritual que também marcou o início dos jogos anteriores: uma oração para os que eram da comunidade e hoje são falecidos. Os jogadores de ambos os times e quem mais estivesse em campo (árbitro e bandeirinhas, por exemplo) se posicionaram junto ao círculo central do gramado, a fim de realizar a cerimônia. Para esta partida, foram queimados mais fogos de artifício do que em quaisquer jogos anteriores. A equipe do CRFB acompanhou o jogo a partir de diferentes pontos do campo, inclusive em uma ala mais afastada do campo, da torcida e da agitação. Os que ali estavam reservadamente acompanhando o jogo lembraram-se da transmissão do jogo entre o Santos e o Barcelona na final do mundial interclubes, realizado naquela manhã, em que o Santos foi derrotado por 4 a 0.



Enquanto os atletas da Elite jogavam, os Brancos que participaram da vitória no jogo do Segundo Escalão teciam comentários sobre sua vitória no jogo anterior – como sempre – em tom de provocação amistosa.

Saindo desta parte mais isolada, foi possível circular pelo entorno do campo. Assim como em outros campos de várzea, a torcida que mais se envolvia com o aspecto técnico da partida estava grudada no alambrado que cercava o campo. Uma breve conversa com um desses torcedores ofereceu mais elementos para refletir sobre os que estavam por ali. Quando perguntado sobre as diferenças entre o que ele tinha acompanhado ali quando jovem e o que ele acompanhava dos jovens nos dias de hoje, o sujeito respondeu que percebia mais gente estudando, fazendo uma Faculdade. Por prudência do pesquisador a conversa foi abreviada, afinal o torcedor estava ali para ver a disputa e foi notória a sua dificuldade em ter que escolher entre dar atenção às perguntas que lhe eram feitas e acompanhar o jogo.

Enquanto uma parte da torcida não desgrudava do alambrado, dentro do bar do Xuxú as pessoas se deixavam levar pelo samba-rock, aparentando pouca preocupação com o futebol. Mais adiante, também no bar, no caminho para o vestiário que foi usado pelos Brancos nos 4 jogos do dia, foi possível notar a formação de uma espécie de camarote, com grande concentração de torcedores dos Brancos.

Os relógios marcavam 14h25 quando o tempo nublado instaurou-se sobre o céu de São João Clímaco. Para o jogo da Elite houve um maior controle sobre quem entrava e quem saía do campo. Quase nada comparado ao movimento intenso de jogadores, assessores, jornalistas e demais personagens envolvidos nas partidas do futebol profissional. Às 14h34 começou a chover. Se fosse no campo de terra o jogo prosseguiria mesmo assim, garantiram os que já acompanharam edições anteriores àquela do Encontro. E a bola rolou, ainda mais do que no terraço. Rolou solta. Soltos também eram os palavrões, em um ambiente integrado majoritariamente por homens. O resultado foi 2 a 1 para os Brancos, de virada, o que fez com que o resultado final de um dia de 4 jogos entre Brancos e Pretos acabasse em empate.